

UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM O FUTURO DO PRESENTE REFLEXÃO LINGUÍSTICA, VARIAÇÃO E ENSINO

Luiz Felipe da Silva Durval

Na prática pedagógica de nossos professores da educação básica, não poucas vezes se testemunha o predomínio de um ensino que se pode considerar “conteudista”. Um ensino baseado na transmissão acrítica de conteúdos que coloca o aprendiz numa posição passiva durante o processo de escolarização, o que gera alunos desencantados com o aprendizado e pouco estimulados ao exercício de questionar. Dentre os componentes curriculares de nossa educação básica, o ensino de Português tem sido um forte mantenedor dessa tradição, gerando no aluno um sentimento de incapacidade e insegurança frente ao uso de sua própria língua.

Não é raro ouvirmos afirmativas como “Português é muito difícil”, “eu nunca consegui aprender Português na escola” ou “quem é pouco escolarizado fala muito errado”. Apesar de reconhecermos que essas falas possam ter diferentes motivações, é sabido que isso se deve, em grande parte, a uma abordagem inadequada do ensino da língua, sobretudo do componente gramatical. Com o uso da metalinguagem pela metalinguagem, um ensino que consiste apenas em listas

infindáveis de definições e classificações a serem decoradas e cobradas em avaliações, a sala de aula torna-se um ambiente improdutivo, um espaço de manutenção de preconceitos sem fundamento. Segundo estudiosos, o ensino tradicional de Português transmitiu, por várias gerações e sem significativas mudanças, um conhecimento gramatical e toda sua nomenclatura como algo definitivo e incontestável; “[...] como um conjunto de conclusões definitivas (e não como hipóteses) sobre o que ocorre no funcionamento da língua”, como observa Bagno (2015, p. 207). Esse tipo de ensino em nada tem contribuído para um bom desempenho no uso da língua e de seus diferentes recursos.

Para atingir um grande objetivo do ensino de Português, que é o de desenvolver a competência de leitura e produção de textos, a educação linguística precisa ser dinâmica, viva. O professor precisa vislumbrar com os alunos os mecanismos de funcionamento da língua e seu universo de possibilidades. Em vez de coibir a norma vernácula do aprendiz e perpetuar a ideologia de uma língua padrão, a escola precisa estar sensível a esse conhecimento e dele partir para uma abordagem didático-pedagógica produtiva, passando pelas mais diversas experiências de letramento, a fim de ampliar a competência linguística do falante nas diferentes interações sociais. Isso só será possível a partir do que Frederick Erickson denominou de *pedagogia culturalmente sensível*, a seguir discutido por Bortoni-Ricardo (2005):

É objetivo da pedagogia culturalmente sensível criar em sala de aula ambientes de aprendizagem onde se desenvolvam padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas presentes na cultura dos alunos. Tal ajustamento nos processos interacionais é facilitador da transmissão do conhecimento, na medida em que se ativam nos educandos processos cognitivos associados aos processos sociais que lhes são familiares. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 128).

Com base nas reflexões ora apresentadas, procuramos, neste capítulo, assinalar como ações de orientação sociolinguística podem contribuir para a prática pedagógica dos professores de Língua Portuguesa. Através de um relato de experiência com atividades para o tratamento da expressão de futuro, buscamos mostrar a importância da reflexão linguística para se atingir os objetivos do ensino e para torná-lo mais dinâmico. Sem a pretensão de dar a solução para todos os problemas enfrentados no cotidiano das aulas de Português, apresentamos um caminho alternativo e comprovadamente possível para a melhoria do ensino de língua materna, baseado na proposta de Vieira (2014, 2017) para o ensino de gramática em três eixos.

1. A EXPERIÊNCIA DIDÁTICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM TURMA DO ENSINO FUNDAMENTAL

O desenvolvimento da intervenção pedagógica destinou-se ao trabalho com alunos do Ensino Fundamental. De orientação sociolinguística, o trabalho tem como objetivo geral contribuir para o conhecimento e a melhoria do ensino de Português a partir do desenvolvimento de oficinas e outras propostas didático-pedagógicas para a prática cotidiana em sala de aula. A pesquisa foi construída por meio de procedimentos compatíveis com a metodologia de uma pesquisa-ação, que é definida por Tripp (2005) como uma vertente de investigação que utiliza técnicas consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática.

Para darmos início à pesquisa, começamos um trabalho de investigação¹ em uma escola da rede pública de ensino da cidade do Rio de Janeiro. A escola possui turmas do 6º ao 9º ano (segundo segmento do Ensino Fundamental) e está localizada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, em local de vulnerabilidade social. Seu corpo discente é formado por alunos com idades entre 10 e 16 anos, os quais residem, em sua maioria, em comunidades próximas a essa instituição de ensino. Nos espaços frequentados por esses alunos, convivem poucas práticas consideradas letradas.

Entre março e setembro de 2015, acompanhamos as aulas ministradas às turmas de 6º e 7º anos. A escolha dessas séries não foi condicionada por nenhum critério específico da pesquisa, mas apenas pela questão de termos facilidade no acesso, uma vez que a professora desses dois anos compunha a equipe do projeto. Antes de pensarmos em propor algo, optamos por fazer uma diagnose da realidade sociolinguística dos aprendentes (a que comunidade de fala eles pertenciam, quais práticas de letramento experimentavam diariamente, que atitudes tinham frente à cultura escrita) e dos materiais didáticos utilizados pelos professores da escola.

Em um primeiro momento, focamos na observação, descrição e análise do tratamento dado aos temas de gramática e de variação linguística nas aulas do Ensino Fundamental da rede de ensino já mencionada. Para tanto, além do acompanhamento das aulas, fizemos um levantamento de dados, considerando, sobretudo, o material proposto pela Secretaria Municipal de Educação, os chamados Cadernos Pedagógicos de Língua Portuguesa. Nesse material, percebemos que o

¹ O trabalho inicial constituiu parte do projeto de iniciação científica orientado pela Professora Silvia Rodrigues Vieira, no âmbito do curso de graduação na Faculdade de Letras da UFRJ.

ensino se dava a partir de gêneros textuais, mas que conteúdos de gramática e de variação eram escassos. Os resultados dessa diagnose (Cf. Capítulo 1 desta obra) contribuíram diretamente para a formulação da intervenção pedagógica que propusemos.

Concomitantemente ao trabalho de investigação, demos continuidade, com a professora das turmas, ao trabalho já desenvolvido por ela de conscientização sociolinguística, através de oficinas de variação. Essas oficinas tinham como objetivo levar o aluno à compreensão de que a língua é heterogênea, que está em constante processo de variação e mudança e que cada variante tem um valor social. Com isso, pretendíamos instrumentalizá-los para que pudessem assumir uma nova postura frente às variedades linguísticas, entendendo que variação linguística não está restrita apenas às diferenças entre usos rurais e urbanos – estas sempre exploradas equivocadamente pelos livros didáticos. Conseguimos fazer um efetivo trabalho de reflexão linguística sobre regras variáveis, mostrando que até indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade de fala² possuem características linguísticas distintas, condicionadas por fatores extralinguísticos como, por exemplo: faixa etária, sexo, grau de escolarização e o convívio em seus diferentes grupos de interação social (núcleo de amigos, grupos religiosos, local de trabalho/estudo etc.). Entendemos que, com esse trabalho, conseguiremos mostrar de maneira mais clara qual venha ser o papel da escola no que tange a educação linguística, em acordo com a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 31):

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa - dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem.

Após esse primeiro momento de diagnose, começamos a elaboração de uma sequência didática que permitisse propor uma abordagem eficiente de temas morfo-sintáticos e de fenômenos variáveis da língua. O tema trabalhado na sequência foi escolhido pela professora da turma, que optou pelo tempo verbal *futuro do*

² Entende-se por comunidade de fala aquela que compartilha normas e atitudes sociais perante uma língua ou variedade linguística (LABOV, 1972), um grupo de indivíduos que compartilham informações linguísticas similares.

presente – conteúdo já previsto no cronograma. A sequência didática foi direcionada para o 7º ano do Ensino Fundamental, já que verbos e as demais classes de palavras são trabalhadas, geralmente, no 6º ano. Inicialmente, pretendíamos trabalhar apenas o futuro verbal; no entanto, ao percebermos que os alunos apresentavam bastante dificuldade com a classe dos verbos, optamos por incluir na sequência atividades que refletissem sobre as propriedades dessa categoria gramatical e seu comportamento no texto.

Para a elaboração das atividades, consideramos três variantes para expressão do futuro do presente: futuro do presente simples (*eu viajarei amanhã*), futuro perifrástico (verbo *ir* no presente + infinitivo: *eu vou viajar amanhã*) e presente do indicativo (*eu viajo amanhã*). Essas três variantes foram consideradas em função de sua maior produtividade na variedade carioca do Português Brasileiro, segundo Oliveira (2006). Nas gramáticas tradicionais, a variação na expressão do futuro verbal não é formalmente apresentada. E, mesmo nos casos em que ela é reconhecida, admite-se uma diferença de significado entre as formas. Portanto, a tradição gramatical aborda apenas o futuro do presente simples e o futuro do presente composto (verbo *ter* no futuro do presente + participípio).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: O ENSINO DE GRAMÁTICA, OS CONTÍNUOS DE VARIAÇÃO E O FUTURO DO PRESENTE

Tanto o trabalho de investigação quanto a sequência didática proposta partiram da concepção de ensino de gramática em três eixos (VIEIRA, 2014, 2017), a saber: (i) abordagem reflexiva da gramática por meio de atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas; (ii) a gramática como matéria para a produção de sentidos no texto; e (iii) manifestação de regras variáveis, de acordo com os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968)³.

Como um dos principais objetivos de nossas intervenções pedagógicas era levar o aluno a refletir sobre a língua e toda sua diversidade, e assim ampliar seu conhecimento e uso de estruturas que caracterizam o português brasileiro, tomamos como norte o que Bortoni-Ricardo (2005) chamou de Sociolinguística Educacional. Essa área visa ao desenvolvimento de uma pedagogia culturalmente sensível, que utilize os pressupostos da Sociolinguística variacionista para uma mudança de postura de professores e alunos frente à diversidade linguística. Para

³ Para uma melhor compreensão dessa teoria, vale conferir a síntese da proposta de Vieira (2014, 2017) no Capítulo 3 da presente obra.

isso, a educação em língua materna não deve consistir na substituição da norma vernácula do aprendiz por variedades de prestígio, mas no desenvolvimento de um olhar crítico do aprendiz sobre a própria língua, buscando a ampliação de seu repertório linguístico. Como reflete a autora:

[...] a tarefa da escola está justamente em facilitar a incorporação ao repertório linguístico dos alunos de recursos comunicativos que lhes permitam empregar com segurança os estilos monitorados da língua, que exigem mais atenção e maior grau de planejamento. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 131).

Para uma melhor compreensão dos alunos quanto à complexidade da variação linguística, utilizamos, ainda, em nossas experiências didáticas, os contínuos de monitoração estilística e de oralidade-letramento, ambos propostos por Bortoni-Ricardo (2004). Para entendermos “a complexa situação sociolinguística do português brasileiro”, Bortoni-Ricardo (2004) propõe o que denomina de contínuos de variação. Esse modelo de análise nos permite entender que não há uma rígida fronteira entre as variedades ditas populares e as cultas, mas que, na verdade, os eventos comunicativos caminham nesses contínuos e chegam a se sobrepor. Para ela, haveria três contínuos: de oralidade-letramento, de monitoração estilística e de urbanização.

O contínuo de oralidade-letramento consiste em uma linha imaginária onde em uma extremidade se situam “eventos de letramento”, aqueles mediados pela língua escrita, e na outra, “eventos de oralidade”, em que não há influência direta da escrita. Portanto, como exemplo de eventos de letramento, podemos citar os telejornais, onde os jornalistas se apoiam em um texto escrito; situações do tipo conversa descontraída entre amigos constituem eventos de oralidade.

No contínuo de monitoração estilística, situam-se desde as interações totalmente espontâneas até aquelas que são mais elaboradas, planejadas, podendo situar os eventos comunicativos em qualquer posição ao longo desse contínuo. A localização dos eventos comunicativos estará condicionada a diversos fatores como o contexto interacional, o interlocutor e o assunto da conversa.

O terceiro contínuo de variação, que a autora chamou de contínuo de urbanização, tem em uma ponta as variedades rurais geograficamente mais isoladas, e, na outra ponta, as variedades urbanas que sofrem forte influência de modelos idealizados de normas linguísticas, ou seja, vai do mais urbano ao mais rural. A autora propõe que, no espaço entre as extremidades, fica uma zona *rurbana*. Nessa zona intermediária, estariam as variedades usadas por migrantes de origem rural e residentes em núcleos semirurais que, apesar de preservarem muito de sua cultura, principalmente no seu repertório linguístico, recebem influência urbana.

Por fim, como o tema gramatical abordado em nossa sequência didática foi o tempo verbal futuro do presente, foi de fundamental importância o conhecimento sobre a expressão variável do futuro do presente no Português Brasileiro, consoante os resultados apresentados na tese de doutorado de Oliveira (2006). Através da análise dos dados de fala e de escrita recolhidos nas décadas de 1970 e 1990, a referida autora verificou que essa variação apresenta seis variantes: a) o futuro simples/sintético (aquele filme *estreará* ano que vem); b) o presente (aquele filme *estrea* ano que vem); c) a perífrase com *ir* no presente (aquele filme *vai estrear* ano que vem); d) a perífrase com *ir* no futuro (aquele filme *irá estrear* ano que vem); e) a perífrase com *haver* no presente (aquele filme *há de estrear* ano que vem); e f) a perífrase com *haver* no futuro (aquele filme *haverá de estrear* ano que vem). Nesse estudo, evidenciou-se que o futuro simples é a variante preferida na escrita, mas que na fala as perífrases com o verbo *ir* a superam.

Observou-se, ainda, que o presente é bastante produtivo na modalidade oral; entretanto, não é uma forma concorrente do futuro perifrástico, somente do futuro sintético em contextos específicos de uso. É necessário que haja um contexto de futuro bem delimitado para que o presente seja empregado com esse valor. A partir da década de 1990, essa variante do futuro passou a ser encontrada na escrita jornalística, mas sempre acompanhada de um advérbio ou expressão de tempo. O uso das demais variantes, atualmente, mostrou-se pouco produtiva.

3. A SEQUÊNCIA PROPOSTA

Com base nos pressupostos anunciados, desenvolveu-se a seguinte sequência de atividades, a serem apresentadas, comentadas e, ao final, brevemente avaliadas.

3.1. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

Atividade I

Esta atividade parte da leitura de um pequeno texto (Texto 1) com lacunas nas posições onde estariam os verbos. Trata-se de uma atividade de cunho linguístico, epilinguístico e metalinguístico. Iniciamos a sequência por esta atividade porque percebemos, ao acompanharmos a turma, que os alunos tinham muita dificuldade para identificar os verbos dentro da unidade textual. Desafiamos, então, esses alunos a tentarem compreender a informação contida no texto, apesar das lacunas.

Com a tarefa proposta, pretendíamos levar o aluno a compreender o que é um verbo, como ele se relaciona com os outros constituintes textuais e sua relevância na construção de sentidos. Desejávamos levar o aluno à compreensão de que o verbo constrói a cena, é **um elemento essencial para a organização** da língua. Para isso, fizemos, oralmente, um exercício de predicação: listamos alguns predicadores verbais e pedimos aos alunos que dissessem o que esses predicadores selecionavam.

Exemplos:

morrer → *alguém* morre (*morrer* seleciona um argumento)

morar → *alguém* mora em *algum lugar* (*morar* seleciona dois argumentos)

enviar → *alguém* envia *alguma coisa* para *alguém/algum lugar* (*enviar* seleciona três argumentos)

Após conscientizarmos os aprendizes de que os termos que completam as lacunas possuem as mesmas propriedades e funções no texto, construímos, coletivamente, um conceito que abarcasse esses termos em uma mesma categoria gramatical, no caso, a dos verbos. Portanto, esta atividade articula o Eixo I, que consiste no ensino de gramática como atividade reflexiva, com o Eixo II, que relaciona gramática e produção de sentido.

Objetivando verificar o conhecimento que os alunos já detinham, introduzimos esta atividade antes de começarmos a tratar do tema da sequência ou sequer mencioná-lo.

Objetivos:

Verificar se os alunos reconheceriam o componente gramatical que foi retirado. Refletir sobre a importância desse componente e o que se perde quando este é ocultado (organização sintático-semântica; pessoas do discurso, relação temporal entre texto e realidade). Revisar o conceito de verbo.

TEXTO 1

COMUNICADO IMPORTANTE

Aos funcionários,

_____ que, a partir desta segunda-feira (07/09), a entrada e a saída _____ realizadas pelos fundos do prédio, devido a obra que se _____ na entrada principal neste mesmo dia e _____ até o próximo mês.

_____ -nos o transtorno.

A gerência.

Verbos: *informamos/ serão/ iniciará/ terminará/ desculpem*

Responda oralmente às questões a seguir:

- Que tipo de texto é esse? Ele faz uso da língua da mesma forma que nós fazemos no dia a dia para nos comunicarmos com amigos e familiares?
- Que elementos presentes no texto o afastam de nossa fala do dia a dia?
- Em sua opinião, por que o texto tem esse grau de formalidade?

Atividade II

Nesta atividade, pedimos a um aluno que lesse a anedota (Texto 2) em voz alta. Em seguida, passamos um questionário para que os alunos refletissem sobre os preconceitos explorados no texto. Encaminhamos, em tempo, uma reflexão sobre os fenômenos de variação linguística (como, por exemplo, *rotacismo* e *ausência de concordância*) que aparecem na anedota e as motivações de suas ocorrências.

Salientamos, ainda, que o verbo é a única categoria gramatical que pode ser modificada em relação ao tempo, mas que “nunca varia em gênero, ou seja, em masculino ou feminino, pois isso é característica privativa das palavras nominais da nossa língua.” (FERRAREZI JR., 2014, p. 16). Segundo o autor, algumas palavras com flexão de gênero que são tratadas como verbos no particípio pela tradição, na verdade, são adjetivos.

Nesta atividade, foi possível articular os três eixos do ensino de gramática, priorizando os fenômenos variáveis (Eixo III).

Objetivos:

Refletir sobre os preconceitos e juízos de valor nos quais se baseou o humor presente no texto e sobre variação linguística. Mostrar aos alunos, na prática, que o critério mais eficaz para a identificação do verbo é o morfológico, por meio do teste de conjugação.

Leia com atenção o texto a seguir:

TEXTO 2



ANEDOTA

Na escola, a professora manda um aluno dizer um verbo qualquer e ele responde: - Bicicreta. A professora, então, corrige: - Não é “bicicreta”, é “bicicleta”. E “bicicleta” não é verbo. Ela tenta com outro aluno: - Diga um verbo! Ele arrisca: - Prástico. A professora, outra vez, faz a correção: - Não é “prástico”, é “plástico”. E “plástico” não é verbo. A professora faz a sua última tentativa e escolhe um terceiro aluno: - Fale um verbo qualquer! - Hospedar. A professora comemora: - Muito bem! Agora, forme uma frase com esse verbo. – Os pedar da bicicleta é de prástico.

Fonte: Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=22450>>
Acesso em: 03 set. 2015.

- a) A que gênero pertence o Texto 2? Quais características desse gênero estão presentes nesse texto?
- b) O que a professora considera incorreto nas duas primeiras respostas?
- c) Por que, ao invés de corrigir o terceiro aluno, a professora comemora? O que pode ter gerado essa confusão?
- d) Se a resposta do terceiro aluno fosse dada por escrito e não oralmente, o desfecho da história seria o mesmo? Por quê?
- e) Destaque os verbos que aparecem no texto. Em caso de dúvida, tente conjugar!

Atividade III

Esta atividade foi elaborada a partir da necessidade de mostrar aos alunos, contrastando os verbos presentes no texto, que o verbo na Língua Portuguesa é composto de partes significativas, que informam a qual conjugação (1^a, 2^a ou 3^a) ele pertence e em que tempo, modo, número e pessoa está flexionado. Nossa expectativa com esta atividade não era a de fazer com que os alunos decorassem os paradigmas verbais, mas que compreendessem o que é tempo verbal e como os tempos são empregados na fala e na escrita.

Reconhecer esses aspectos morfológicos da língua serve para desenvolver a *consciência metalinguística* do falante e ampliar a reflexão sobre o objeto de estudo. No entanto, isso só será significativo se também servir para ampliar a competência comunicativa [...]. (ROCHA; MARTINS, 2014, p. 186).

Iniciamos com a leitura de um *e-mail* (Texto 3), conduzindo uma atividade epilinguística acerca das relações de tempo presentes nele. Utilizamos dois contínuos de variação propostos por Bortoni-Ricardo (2004) – *continuum* de oralidade/letramento e *continuum* de monitoração estilística – para refletirmos sobre a modalidade e o grau de formalidade quanto ao referido gênero textual. Após essas reflexões, pedimos aos alunos que destacassem os verbos presentes no texto e que indicassem a noção de tempo (passado, presente ou futuro) que cada verbo carregava.

Objetivos:

Melhorar a compreensão dos alunos sobre língua escrita e língua falada. Levá-los à compreensão de que o grau de monitoração estilística, ou seja, a atenção dada pelo falante à forma de sua produção verbal é condicionada por diversos fatores – tipo de relação entre os interlocutores, o assunto abordado, a familiaridade do falante com o discurso, o contexto situacional (BORTONI-RICARDO, 2005). Verificar se os alunos, após as duas primeiras atividades, conseguiriam perceber melhor os verbos dentro do texto. Encaminhar os alunos para a percepção de diferentes formas verbais que carregam a noção de futuridade.

TEXTO 3



PARA: elizabethcorreia@newmail.com
DE: fernandacorreia@newmail.com
ASSUNTO: Novidades!!!



Oi, mãe!

Como você está? E o pessoal aí de casa?

Espero que todos estejam bem.

Estou escrevendo pra vocês pra dizer que estou morrendo de saudades! Sinto muita falta de todos vocês, mas fiquem tranquilos que eu estou bem. Mesmo com minha rotina corrida de estudos, em alguns finais de semana eu ainda consigo sair para conhecer lugares novos. Semana passada mesmo eu fui conhecer a Torre Eiffel. É linda, mãe! Fiz grandes amizades durante esses meses que estou aqui e meus amigos sempre me ajudam quando tenho dificuldades.

Mas, agora, vamos às novidades!!! Eu pensei que não daria, mas eu juntei um dinheirinho e vou passar o natal aí no Brasil com vocês! Pego o avião no início de dezembro. Estou muito ansiosa pra encontrar todo mundo. Levarei presentes... acho que vocês vão adorar!

Nos veremos em breve, família!

Beijos, Fernanda ;)



Atividade IV

Nesta atividade, construímos uma sistematização metalinguística – partindo da intuição dos alunos e do conhecimento acumulado após as primeiras atividades – das formas de expressão de futuro encontradas nos textos: futuro do presente simples, futuro do presente perifrástico e presente simples. Ao sistematizarmos a formação da perífrase verbal de futuro, fizemos uma breve reflexão acerca do processo de gramaticalização pelo qual o verbo *ir* passou, perdendo seu traço semântico de movimento e assumindo um novo papel, em situações específicas, de item funcional como auxiliar de futuro. Oliveira (2006) argumenta que sua gramaticalização foi possibilitada pelo fato de esse verbo ser um dos mais polisêmicos. A autora demonstra que, na construção do futuro perifrástico, sua tendência é transformar-se em auxiliar. Portanto, o verbo *ir* perde seu traço de movimento e passa a ser um instrumento gramatical para expressão de futuro, deixando a noção espacial e assumindo uma noção temporal.

Ressaltamos que o presente simples com valor de futuro sempre necessita que haja em seu contexto discursivo uma expressão de tempo (ex. semana que vem, começam as aulas). Ao construirmos um quadro de maneira dialogada com

os alunos, comparando as variantes, fazendo substituições para observar a equivalência entre as formas de futuro, conseguimos articular atividades epilinguística e metalinguística. Aproveitamos o momento para tecermos algumas considerações a respeito da reestruturação pela qual o quadro de pronomes vem passando e suas implicações no paradigma verbal. Para tanto, utilizamos como base a sistematização feita por Duarte (2013b, p. 120) da atual configuração do quadro pronominal do PB. Optamos por trabalhar com a inserção das novas formas pronominalizadas no quadro de pronomes. Tecemos, então, um paralelo entre as formas de P2 (*tu e você*), de P4 (*nós e a gente*) e de P5 (*vós e vocês*).

Objetivos:

Sistematizar e concluir as discussões levantadas durante as atividades. Refletir acerca do uso das formas de futuro em diferentes eventos sociocomunicativos. Desfazer eventuais dúvidas quanto às desinências de P6 do pretérito perfeito *vs.* futuro sintético em verbos regulares (ex. dormiram *vs.* dormirão).

Quadro 1: Paradigma de conjugação do futuro do presente simples.

Pessoa	Pron. Suj.	Conjugação
P1	eu	compartilharei
P2	tu/ <u>você</u>	compartilharás/ <u>compartilhará</u>
P3	ele/ela	compartilhará
P4	nós/ <u>a gente</u>	compartilharemos/ <u>compartilhará</u>
P5	vós/ <u>vocês</u>	compartilhareis/ <u>compartilharão</u>
P6	eles/elas	compartilharão

Quadro 2: Paradigma de conjugação do futuro do presente perifrástico.

Pessoa	Pron. Suj.	Conjugação
P1	eu	vou compartilhar
P2	tu/ <u>você</u>	vais compartilhar/ <u>vai compartilhar</u>
P3	ele/ela	vai compartilhar
P4	nós/ <u>a gente</u>	vamos compartilhar/ <u>vai compartilhar</u>
P5	vós/ <u>vocês</u>	ides compartilhar/ <u>vão compartilhar</u>
P6	eles/elas	vão compartilhar

Quadro 3: Presente do indicativo com noção de futuridade.

Pessoa	Pron. Suj.	Conjugação
P1	eu	compartilho (<i>amanhã</i>)
P2	tu/ <u>você</u>	compartilhas/ <u>compartilha</u> (<i>amanhã</i>)
P3	ele/ela	compartilha (<i>amanhã</i>)
P4	nós/ <u>a gente</u>	compartilhamos/ <u>compartilha</u> (<i>amanhã</i>)
P5	vós/ <u>vocês</u>	compartilhais/ <u>compartilham</u> (<i>amanhã</i>)
P6	eles/elas	compartilham (<i>amanhã</i>)

Atividade V

Esta atividade foi composta de dois exercícios de fixação, nos quais utilizamos dois textos – uma notícia e um bilhete entre amigos – para que o aluno percebesse que, na modalidade escrita, a preferência por uma ou outra forma de futuro está condicionada ao perfil do texto e ao grau de monitoração estilística.

Reforçamos que, na produção oral dos falantes, predomina a forma perifrástica do futuro do presente, independentemente do registro (mais ou menos formal). Já na escrita com maior grau de monitoração, a preferência é pelo futuro simples. Salientamos que o presente simples não é uma forma estigmatizada na escrita, mas que tanto na fala quanto na escrita, ele estará restrito a contextos de futuro. Esses contextos estarão marcados por um advérbio ou expressão de tempo que indique futuridade. Segundo Oliveira (2006, p. 177), essa forma de futuro – o presente do indicativo – “[...] apresenta maior comprometimento por parte dos falantes em relação ao estado de coisas”.

Exercício 1:

Escolha a forma de futuro do presente que melhor se adequa ao perfil do texto e preencha as lacunas com os verbos entre parênteses:

“Para assistir a “O Pequeno Príncipe”, que _____ (entrar) em cartaz nos cinemas na próxima quinta-feira (20), você _____ (precisar) comprar um ingresso, claro. Não fique com pena de gastar. _____ (ser) um ótimo negócio. O filme francês _____ (valer) por dois. Quer dizer: ele traz duas histórias. Cada uma tem seu próprio jeito, por causa do uso de diferentes técnicas de animação.

Você _____ (ouvir) mais de uma vez, no filme, alguém dizer que “os

adultos são estranhos” (isso está no livro “O Pequeno Príncipe”). Alguns personagens são mesmo estranhos. Repare na mãe.

Desconfio que você _____ (sair) do cinema olhando com atenção para os adultos que conhece, só para ver se eles também são estranhos.”

RIZZO, Sérgio. *Folha de S. Paulo*. (Adaptado de: <<http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2015/08/1668756-novo-filme-o-pequeno-principe-traz-historia-que-se-passa-nos-dias-de-hoje.shtml>>. Acesso em: 15 ago. 2015).

Exercício 2:

Ana tem uma festa para ir neste final de semana e quer muito que sua amiga, Júlia, a acompanhe. Complete o bilhete de Ana com os verbos entre parênteses na forma de futuro do presente que melhor se adeque ao tipo de interação.

Oi, Ju!

Eu _____ (estar) em uma festa neste sábado, na casa do Júlio, e ia amar se você fosse comigo... A festa _____ (começar) às 21h e _____ (terminar) tarde, mas não se preocupe, meus amigos _____ (buscar) a gente de carro e você pode dormir na minha casa.

Se depender de mim, podemos nos arrumar lá em casa mesmo, assim a gente se ajuda, não é mesmo?! Ah! Leve sapatos confortáveis, porque com certeza nós _____ (dançar) à noite toda.

Falei com o Ricardo e a Marcela e eles também _____ (estar) com a gente na festa. Finalmente, você _____ (conhecer) a nova casa do Júlio.

Espero que tope.

Beijos, Ana.

Atividade VI

Esta atividade foi composta de duas propostas de produção textual. Na primeira proposta, foi sugerido que os alunos fizessem um bilhete para o diretor da escola; na segunda, um recado para o responsável.

Objetivos:

Tanto a *Atividade V* quanto a *Atividade VI* tiveram como objetivos: (i) levar o aluno a usar com consciência as formas de expressão de futuro trabalhadas na sequência; e (ii) verificar os resultados obtidos com a aplicação da sequência di-

dática, de modo a avaliar a eficiência do trabalho pedagógico.

Proposta 1

Imagine que você tenha que faltar às aulas de amanhã. Faça um bilhete para o diretor da escola, avisando e justificando essa falta.

Proposta 2

Imagine que você tenha visto a previsão do tempo e precisa alertar ao seu/ sua responsável sobre o tempo amanhã. Por causa da chuva, ele/ela não pode colocar a roupa no varal para secar e nem deixar o cachorro dormir fora de casa. Faça um bilhete para seu responsável com esses alertas!

3.2. RESULTADOS E CONCLUSÕES

Através da aplicação da sequência didática, ainda que a título experimental, pudemos perceber, pela participação dos alunos durante as aulas e por seus desempenhos nas atividades propostas, que trabalhar os temas gramaticais, integrando os três eixos propostos em Vieira (2014, 2017) constitui um método produtivo e promissor na abordagem de temas gramaticais.

Inicialmente, tivemos algumas dificuldades para introduzir o tema trabalhado na sequência. Na *atividade I*, os alunos não conseguiram perceber que os elementos que haviam sido retirados do Texto 1 eram verbos. Pelo contexto, eles foram capazes de deduzir quais palavras se encaixavam nas lacunas de modo a completarem o sentido do texto; no entanto, eles não tiveram a percepção de que essas palavras possuíam as mesmas propriedades. Por se tratar de uma turma de 7º ano que já havia trabalhado com essa categoria gramatical e que já havia visto alguns tempos verbais, esperávamos que os alunos não apresentassem grandes dificuldades nessa atividade inicial. Entretanto, logo que constatamos que os alunos não dominavam as propriedades de um verbo, foi preciso dar maior atenção a essa atividade do que havíamos pretendido, uma vez que a falta desse domínio impossibilitaria o trabalho com a variação de futuro. Somente depois de levarmos os alunos a refletirem sobre o comportamento dos elementos que preenchiam as lacunas, foi possível desenvolvermos a proposta da atividade que era de identificação da classe dos verbos.

Nos Cadernos Pedagógicos, material de apoio pedagógico disponibilizado para a escola onde experimentamos a sequência didática, não encontramos qualquer tentativa de sistematização dos conteúdos gramaticais ou qualquer reflexão

linguística. O foco desse material é a língua em uso; no entanto, a falta de reflexão linguística inviabiliza o trabalho com os usos. A falta de um trabalho inteligente de análise e sistematização linguística faz com que os alunos não encontrem ou reconheçam os recursos gramaticais apropriados.

A integração dos três eixos para o ensino de gramática nos permitiu, a partir do tempo verbal futuro do presente: (i) fazer uma reflexão linguística (o que é verbo? O que é tempo/modo verbal? Quais são as estruturas morfológicas e morfossintáticas para a expressão de futuro?), (ii) trabalhar com variação linguística (quais são as formas variáveis de expressão de futuro?), e (iii) conjugar texto e gramática (em que situações discursivas se empregou o futuro? Em que medida os gêneros textuais se correlacionam às estratégias empregadas quanto ao valor semântico ou ao grau de formalidade ou, ainda, ao fato de se tratar de texto escrito ou falado?).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todas as atividades que compuseram a pesquisa e a elaboração da sequência de atividades, buscamos desconstruir pensamentos, até mesmo os impostos equivocadamente por ação escolar, para que abrissemos espaço para a construção de um conhecimento que fosse significativo para o aluno. Vimos que a escola não deve ser espaço de mera transmissão de informações, nem de simples reprodução de listas de categorias para memorizar e responder em exercícios mecânicos. A sala de aula pode e deve ser um ambiente dinâmico de discussões, que permite a construção de um pensamento científico sobre a língua. Esse ambiente se faz necessário para uma abordagem produtiva no ensino de língua materna.

Foi apresentado aqui apenas um caminho possível para o ensino reflexivo da gramática. Vale ressaltar, entretanto, que o professor não pode se valer de um único aporte teórico como recurso exclusivo, esperando que este dê conta de todos os objetivos do ensino de Língua Portuguesa. Pelo contrário, o trabalho com a língua em sala de aula, como se observa na proposta de Vieira (2014, 2017), só tem a ganhar com a utilização de diferentes quadros teóricos que forneçam uma base sólida para todo o processo de aprendizagem e que instrumentalizem o professor para os procedimentos didático-pedagógicos necessários para uma efetiva educação linguística.

